

Corpo são e corpo doente: as representações do corpo feminino na medicina do século XIII

Lidiane A. de SOUZA¹; Dulce Amarante dos SANTOS²

ldn21@hotmail.com

Palavras-chave: medicina, corpo, mulher.

1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como proposta o estudo das representações do corpo feminino presentes na medicina do século XIII, a partir da análise de obras e tratados médicos produzidos no período.

No século XIII a medicina medieval assentava-se basicamente na filosofia natural de Aristóteles (*Libri naturales: Physica, De generatione et corruptione, De Partium Animalium, De Generatione Animalium, De Anima, De caelo, Meteora, Parva Naturalia*) no galenismo, (que havia assimilado todo o saber médico grego e o saber médico em geral), e na tradição médica árabe (Johannitius, Avicena, Averróis e Rhazes). Constituindo o essencial do saber e do ensino médico dos *Studia Generalia* europeus, este *corpus* se configurou como as autoridades da área. Como consequência, as concepções e práticas médicas presentes nas mesmas passaram a delinear a teoria e a prática dos tratados e obras médicas produzidas no baixo medievo. (JACQUART, 1995)

No que se refere às mulheres e ao corpo feminino, a fundamentação da medicina sobre este *corpus* greco-árabe retomou uma longa tradição médica assentada sobre um conhecimento pouco preciso, permeado de mitos, concepções equivocadas, e na maior parte das vezes discriminatórias. Iniciada nas primeiras racionalizações médicas, esta tradição foi identificada principalmente às obras de Aristóteles e Galeno, autores lidos e incorporados pelos árabes e que neste contexto figuravam como as autoridades mais importantes da escolástica médica.

Produzidos no curso do século XIII, o *De Secretis mulierum* do pseudo-Alberto Magno, o comentário médico ao *Isagoge* de Johannitius e o receituário

¹ Mestranda em História. Bolsista Capes.

² Orientador/ Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História/FH/ UFG.

Thesaurus pauperum do físico português de Pedro Hispano, absorveram grande parte das concepções e práticas médicas associadas às mulheres e ao seu corpo presentes nestas tradições. Neste sentido, é por intermédio destas obras que buscaremos investigar, as representações do corpo feminino presentes na medicina do período. Para tanto, compreender a concepção de corpo (feminino), o impacto das idéias de Aristóteles e Galeno na produção e constituição do saber médico, e a influência das representações corporais nos tratamentos destinados às mulheres e aos problemas femininos apresenta-se como crucial.

2- METODOLOGIA

O primeiro passo da pesquisa consistiu no levantamento bibliográfico acerca da história da medicina medieval, da concepção de corpo, saúde e doença no enquadramento do século XIII, da disponibilização das fontes que serão utilizadas ao longo da pesquisa (*De Secretis mulierum*, o comentário médico ao *Isagoge* de Johannitius e o receituário *Thesaurus pauperum*), assim como de material referente a trajetória pessoal e intelectual de seus autores, neste caso pseudo-Alberto e Pedro Hispano.

O segundo passo refere-se ao estudo teórico. Este momento pressupôs a seleção do arcabouço conceitual a ser empregado no trabalho, dentre estes, os conceitos de representação, corpo, saúde e doença, utilizando ainda, quando necessário, o gênero como categoria de análise. Aqui, a teoria não antecede as discussões apresentadas, mas visa instrumentalizar a informações e questionamentos levantados durante a execução da pesquisa.

O terceiro e último passo refere-se ao estudo das fontes documentais que no presente trabalho repousam sobre o *De Secretis mulierum* do pseudo-Alberto Magno, o comentário médico ao *Isagoge* de Johannitius e o receituário *Thesaurus pauperum* do físico português de Pedro Hispano. Produzidas no contexto histórico do qual no ocupamos, estas obras figuram como as principais fontes para apreendermos as representações do corpo feminino presentes na medicina do século XIII.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

No século XIII, a medicina medieval fundamentava-se basicamente na filosofia natural de Aristóteles (*Libri naturales: Physica, De generatione et corruptione, Partium Animalium, De Generatione Animalium, De Anima, De caelo, Meteora, Parva Naturalia*), e nos conhecimentos teóricos adquiridos das obras de autores antigos, *Aforismos* e *Prognósticos* de Hipócrates (séc. V a.C), *Arte médica* ou *Tegni* de Galeno (séc. II d.C.), e árabes, *Isagoge* de Johannitius (810-877), *Cânnon de Medicina* de Avicena (980-1037), *Colliget* ou *Livro de toda a medicina* de Averróis (1126-1198) e *Líber ad Almansorem* de Rházes (850-923). Introduzidas no Ocidente latino pelas traduções, estas obras se configuraram como as principais fontes de saber médico do período, sendo considerados, portanto, como *auctoritates* da área. Desta forma, os tratados e obras médicas produzidas no baixo medievo apresentavam-se marcadamente influenciados pelas concepções e práticas médicas presentes neste *corpus* textual. (JACQUART, 1995)

Apesar de não apresentarem obras destinadas exclusivamente às mulheres e aos problemas femininos, a tradição médica antiga e árabe compreendia as mulheres e seu corpo a partir de três eixos norteadores: a fisiologia/anatomia do corpo feminino; o corpo feminino como lugar de/para reprodução; e as enfermidades do corpo das mulheres (útero-centrismo). Sendo a função reprodutiva o eixo explicativo central, estas tradições apresentavam o corpo feminino como um organismo complexo e interligado, destinado exclusivamente a procriação (RODRIGUEZ, 1995). Nesta perspectiva, órgãos e/ou funções relacionados à concepção, como útero, mamas e o fluxo menstrual, ganharam papel de destaque.

Em termos fisiológicos, a medicina do período compreendia o corpo humano (masculino e feminino) como constituído por quatro humores líquidos: sangue, fleuma, bile negra e bile amarela; sendo o corpo feminino caracterizado como frio e úmido, enquanto o masculino considerado como quente e seco. (GARCIA-BALLESTER, 1992) Essa diferença fisiológica decorria da capacidade (inerente) que cada corpo teria de produzir calor. Neste sentido, o corpo masculino, que teria atingido seu potencial pleno durante a gestação absorvendo um excedente substancial de calor inerente e espírito vital, era considerado quente e seco; enquanto o feminino, incapaz de absorver estas matérias essenciais, caracterizava-se como frio e úmido. (BROWN, 1990; PRATT & MARX, 1992)

As características fisiológicas femininas seriam responsáveis pelas diferenças anatômicas entre os corpos; diferenças que se manifestariam principalmente na disposição dos órgãos dos aparelhos reprodutivos. A pouca quantidade de calor presente no corpo feminino impediria o pleno desenvolvimento dos órgãos do seu aparelho reprodutor (matriz), processo realizado pelo corpo masculino. Menor e voltado para o interior do corpo, o aparelho reprodutor feminino seria uma espécie de inversão do aparelho masculino. (LAQUEUR, 2001)

Esta diferença corporal explicava também um dos processos fisiológicos mais importantes do corpo feminino: o ciclo menstrual. Por ser frio e úmido, o organismo feminino era incapaz de produzir calor em quantidade suficiente para realizar os processos de cocção e de transformação total da matéria vital. O sangue não transformado, e que se encontraria em excesso no interior do corpo, era então eliminado periodicamente pelo fluxo menstrual (BROWN, 1990). Além dessa função purgativa, admitia-se ainda que este fluido desempenhasse outras funções dependendo do momento e do órgão ao qual se associava. Durante a concepção seria a matéria na qual o embrião se formaria; ao longo da gestação se converteria em alimento para o feto no útero; e depois se transformaria em leite que seria fornecido pelas mamas. Na tradição aristotélica, fora destas condições o fluxo menstrual assumia ainda um caráter nocivo, sendo capaz de transmitir doenças e até provocar a morte. (JACQUART & THOMASSET, 1989)

Se no campo da fisiologia e da anatomia o corpo feminino foi pensado a partir de sua diferença em relação ao masculino e de suas deficiências em relação à natureza humana, pois esta era considerada mais plena e desenvolvida no homem, no que diz respeito à reprodução a discussão girava em torno da participação feminina no processo de fecundação e geração do embrião; em outras palavras, na capacidade ou incapacidade do corpo feminino em produzir o sêmen, esperma, e no papel desempenhado por este fluido.

No que diz respeito às enfermidades e aos problemas femininos as concepções de caráter útero-centristas segundo as quais estes estariam relacionados diretamente ou indiretamente ao útero, e/ou às funções e órgãos associados à reprodução, tais como o fluxo menstrual e as mamas, exerceram forte influência sobre os tratados e obras médicas produzidas no baixo medievo (RODRIGUEZ, 1995).

4- CONCLUSÃO

Na medicina do século XIII o corpo feminino era compreendido com um organismo frio e úmido, sendo a mulher uma espécie de macho defeituoso, um ser de corpo inferior, incompleto e imperfeito. Este corpo também figurava como corpo destinado exclusivamente à procriação; um organismo complexo, no qual órgãos e funções (útero, fluxo menstrual e mamas) apresentavam-se interligados e dedicados a manutenção do feto. Neste sentido, para a medicina do período, a mulher continuou a ser representada a partir do seu corpo; e seu corpo, mesmo considerado incompleto e imperfeito, permaneceu associado à reprodução.

5- REFERÊNCIAS

BROWN, Peter. *Corpo e sociedade*. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

GARCÍA-BALLESTER, Luiz. Medicina y filosofía natural en la Europa latina de los siglos XII y XIII: un debate abierto. In: *Arbor*, CXLII, 558-59-60: 119-145, Madrid, 1992.

JACQUART, Danielle. La scolastique médicale. In: GMERK e FANTINO (Orgs.). *Histoire de la pensée médicale en Occident – Antiquité et Moyen Age*. Trad. Maria Laura B. Broso. Paris: Seuil, 1995. p. 175-210.

JACQUART, Danielle; THOMASSET, Claude. *Sexualidade y saber médico en la Edad Media*. Barcelona: Labor, 1989.

LAQUEUR, T. *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

RODRIGUEZ, Rosa Maria Moreno. La ideación del ser mujer. Uso metafórico en la doctrina galénica. In: *Dynamis*, 15:103-149. Universidade de Granada, 1995.

PRATT, Karen; C. MARX, Willian. “The roots of antifeminist tradition”. In: *Woman Defamed and Woman Defended: an anthology of medieval texts*. New York: Oxford University Press, 1992. pp. 38-42.

6- FONTE DE FINANCIAMENTO – CAPES